



# Anais da Assembléia

N.º 53

CURITIBA, SEGUNDA-FEIRA, EM 10 DE JUNHO DE 1985

ANO XI

## 3.ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 10.ª LEGISLATURA ATA DA SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA AO DIA DA REPÚBLICA DE PORTUGAL

REALIZADA EM 10 DE JUNHO DE 1985.

SEGUNDA-FEIRA

Presidência do Senhor Deputado Nilso Sguarezi, secretariada pelos Senhores Deputados: Anibal Khury e Odeni Mongruel.

Às dezesseis horas e quinze minutos, é registrada a presença dos seguintes Senhores Deputados: Nilso Sguarezi, Antônio Annibelli, Nelson Buffara, Anibal Khury, Quielse Crisóstomo, Fiori Luiz, Ezequias Losso, Acir Mezzadri, Adhail Sprenger Passos, Ailton Cordeiro, Amélia Hruschka, Antônio Belinati, Augusto Carneiro, Basílio Zanusso, Caíto Quintana, Dirceu Manfrinato, Djalma de Almeida César, Donato Gulin, Edgard Pimentel, Edmar Luiz Costa, Eduardo Baggio, Erondy Silvério, Ervin Bonkoski, Ferrari Júnior, Francisco Escorsin, Fuad Nacli, Gabriel Manoel, Gernote Kirinus, Gilberto Carvalho, Hermas Brandão, Homero Oguido, Irondi Pugliesi, Ivan Gubert, Jorge Maia Filho, José Antônio Fonseca, Leônidas Chaves, Luiz Alberto Oliveira, Márcio Almeida, Mário Pereira, Nelson Vasconcellos, Nestor Baptista, Odeni Mongruel, Orlando Pessuti, Osvaldo Alencar Furtado, Paulo Furiatti, Péricles Pacheco, Roberto Requião, Rubens Bueno, Sabino Campos, Sérgio Spada, Tadeu França, Tadeu Lúcio Machado, Tércio Albuquerque, Trajano Bastos, Tuguio Setogutte, Werner Wanderer e Wilson Fortes. Achando-se em licença o Senhor Deputado Artagão Mattos Leão, presentes ainda inúmeras autoridades e demais convidados.

O SR. PRESIDENTE (Nilso Sguarezi) - Sob a proteção de Deus, declaro aberta a

### SESSÃO SOLENE

Para acompanhar os Senhores Antenor Bonfim, digníssimo Secretário de Estado para Assuntos Comunitários e do Trabalho, representante de Sua Excelência o Governador do Estado José Richa; o Desembargador Mário Lopes dos Santos, vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Paraná; do Doutor Antônio Correia Cardoso, digníssimo Cônsul-Geral da República de Portugal, designo a Comissão integrada pelos Senhores Deputados Caíto Quintana, Luiz Alberto Oliveira e Gilberto Carvalho a acompanharem Suas Excelências até o Plenário.

Suspendo a sessão por alguns instantes até a chegada de Suas Excelências.

(É suspensa a sessão).

O SR. PRESIDENTE - Está reaberta a sessão.

É com elevada satisfação que queremos anunciar a composição da Mesa:

Excelentíssimo Senhor Antônio Ribeiro Bonfim, Secretário de Estado para Assuntos Comunitários, representante de Sua Excelência o Governador José Richa; Excelentíssimo Senhor Desembargador Mário Lopes dos Santos, vice-Presidente

do Tribunal de Justiça do Paraná, representante do Presidente do Tribunal de Justiça do Paraná; Excelentíssimo Senhor Antônio Correia Cardoso, Cônsul da República Portuguesa; Excelentíssimo Senhor Capitão de Fragata Ronald Cardoso Guimarães, Capitão dos Portos do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência o Senhor Vice-Almirante Henrique Octávio Aché Pillar, Comandante do 5.º Distrito Naval; Excelentíssimo Major Eduardo Machado de Almeida, representante de Sua Excelência o Coronel José Flávio Celestino, Comandante do CINDACTA II; Excelentíssimo Senhor Mário Celso Puglieli da Cunha, representante de Sua Excelência o Senhor Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba; Excelentíssimo Senhor Vereador Horácio Rodrigues, mui digno Presidente da Câmara Municipal de Curitiba; Excelentíssimo Senhor Professor Francisco Moraes Silva, representante de Sua Excelência o Senhor Alcy Joaquim Ramalho, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná, Excelentíssimo Senhor Leopoldo Scherner, Presidente do Centro de Estudos Portugueses da Universidade Católica do Paraná, Excelentíssimo Senhor Anibal Khury, 1.º Secretário da Assembléia Legislativa do Paraná, Excelentíssimo Senhor Deputado Odeni Mongruel, 2.º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná.

Convido os presentes a ouvirem o Hino Nacional executado pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado do Paraná.

(É executado o Hino Nacional).

O SR. PRESIDENTE - Digníssimas autoridades, Excelentíssimos Senhores Deputados, meus Senhores, minhas Senhoras.

A Assembléia Legislativa nesta oportunidade presta uma homenagem à Pátria Portuguesa. Entendemos nós, o Poder Legislativo, que não poderíamos ficar ausentes nesta semana em que a Nação irmã e amiga comemora, com júbilo, o rememorar de sua história, de seus feitos, de suas vitórias, de suas conquistas, de seu passado de lutas.

O estreitamento das relações com Portugal impunham que o Poder Legislativo do Paraná também estivesse presente nestas homenagens e neste acontecimento que tem este objetivo, estreitar ainda mais o nosso relacionamento com os irmãos portugueses. Por isto esta Sessão Solene tem este objetivo e este significado de cada vez mais de nos darmos as mãos porque a História do Brasil e de Portugal se confundem no passado e que queremos que o presente e o futuro também sejam de unidade, de confraternização e, acima de tudo, de ajuda recíproca e de certeza de que quando um precisar do outro, ambos estarão prontos para fazermos de nossos povos, de nossas histórias, um caminhar comum. Por isto esta Sessão Solene tem a resposta do Legislativo do Paraná, na certeza de que a correspondente será a verdadeira.

Nesta oportunidade então, esta Presidência tem a satisfação em convidar o Senhor Antenor Bonfim, Digníssimo Secretário de Estado e representante de Sua Excelência o Governador do Estado, para que faça a entrega ao Excelentíssimo Senhor Antônio Correia Cardoso, Cônsul Geral da

República de Portugal, de um Diploma alusivo à data comemorativa de Portugal, que é entregue pela Assembléia Legislativa.

(É feita a entrega).

Igualmente, nos sentimos honrados em convidar o Presidente da Câmara Municipal de Curitiba, que se associa nesta homenagem para fazer a entrega ao Cônsul de Portugal, de uma Placa Comemorativa, com que os Vereadores de Curitiba saúdam a República Portuguesa.

(É feita a entrega).

Para falar em nome do Partido Democrático Social, concedo a palavra ao nobre Deputado Donato Gulin.

O SR. DONATO GULIN - Excelentíssimo Senhor Deputado Nilso Sguarezi, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor  
Antenor Ribeiro Bonfim,  
Secretário de Estado Para Assuntos Comunitários,  
representante de Sua Excelência o Senhor José Richa,  
Governador do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor  
Mário Lopes dos Santos,  
Desembargador  
Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência o Senhor Desembargador Armando Jorge de Oliveira Carneiro, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor  
Antônio Correia Cardoso,  
Cônsul da República Portuguesa;

Excelentíssimo Senhor  
Capitão de Fragata  
Ronald Cardoso Guimarães,  
Capitão dos Portos do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência o Senhor Vice-Almirante Henrique Octávio Aché Pillar, Comandante do 5.º Distrito Naval;

Excelentíssimo Senhor  
Major Eduardo Machado de Almeida,  
Representante de Sua Excelência o Senhor José Flávio Celestino Comandante do CINDACTA II;

Excelentíssimo Senhor  
Mário Celso Pugliesi da Cunha,  
representante de Sua Excelência o Senhor Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Senhor  
Vereador Horário Rodrigues,  
Presidente da Câmara Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Senhor  
Professor Francisco Moraes Silva,  
representante de Sua Excelência o Senhor Alcy Joaquim Ramalho, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná;

Excelentíssimo Senhor  
Leopoldo Scherner,

Presidente do Centro de Estudos Portugueses da Universidade Católica do Paraná;

Excelentíssimo Senhor  
Deputado Anibal Khury,  
1.º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor  
Deputado Odeni Mongruel,  
2.º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Demais autoridades,  
Senhores Deputados,  
Minhas Senhoras,  
Meus Senhores.

(Lê):

Estamos aqui reunidos, nesta Sessão Solene, para homenagearmos o dia de Portugal. Fomos incumbidos pela Liderança de nosso Partido para, em nome de meus pares, falar sobre a data que hoje se comemora. As relações entre Brasil e Portugal são sobejamente conhecidas. Revivamos um pouco da História para melhor compreendermos estas relações e os objetivos desta homenagem. Foi no Século XI, a partir do condado português que surgiu um pequeno País, cuja bandeira tremularia em todos os mares. Desde àquele Século que Portugal, mais do que uma Nação, cujos limites são a Espanha e as Costas Atlânticas, é um povo peregrino que mercê de condicionalismos vários e, principalmente, de sua maneira de ser, de pensar e de agir, se dispersou pelo mundo vivendo a sua "Portugalidade". Suas memórias são ainda hoje conservadas através de dialetos e da cultura lusitana que constituem um patrimônio inestimável. É este capital cultural que, cria vínculos e afinidades à origem que jamais se diluirão. Esta força viva de manutenção das tradições étnicas dos portugueses está entre nós, no dia-a-dia. Em verdade reflui em nós a reminiscência de uma página literária, de um quadro, de uma gravura histórica, ou mesmo na concordância do uso da mesma língua e somos por isso envolvidos e nos vêm a memória o fato de tudo que é português nos ser naturalmente familiar. Claro que esta familiaridade com as coisas portuguesas tem origem em nossa colonização. Além deste fato, temos que concordar que a Colônia Portuguesa, no Brasil, é grande, talvez maior que a população de Lisboa, Porto ou Coimbra, pois chega a casa de milhões. Disse a pouco tempo o Embaixador Português Dário Castro Alves, ser das maiores do mundo a comunidade de nacionalidade portuguesa que habita o Brasil. Enfim em cinco séculos, tudo foi progresso e ascensão em matéria de implantação da língua e da cultura portuguesa no Brasil.

É por tudo isso que consideramos Portugal um País amigo. Não só amigo: muito mais que isso: nos permitimos repetir o ex-Presidente João Figueiredo que disse: "Portugal não é só um País amigo, Portugal é a terra de nossos antepassados e se não fosse Portugal o Brasil não seria o que é hoje em matéria de costumes, tradições, história e idioma".

Portugal é nossa irmã, temos tanto respeito a este membro de nossa família que nossa própria Constituição diz que as pessoas naturais de nacionalidade portuguesa não sofrerão qualquer restrição em virtude da condição de nascimento se admita reciprocidade em favor de brasileiros". Em função

disso em 1971, no dia 7 de setembro, data em que comemoramos nossa Independência foi assinada a convenção sobre igualdade de direitos e deveres entre brasileiros e portugueses, convenção esta também conhecida como "Estatuto da Igualdade".

Senhor Cônsul, Senhores Deputados, Senhores e Senhoras, pelo exposto deduzimos que hoje estamos comemorando uma data que também é nossa. É nossa porque as Nações como as pessoas, têm um princípio. Um princípio de vida que é marcada comumente por uma certidão de nascimento. Com as pessoas, é fácil, registra-se em cartório. Mas, com as Nações o registro é feito através da história e nosso nascimento está registrado na história a partir daquela manhã distante de 1500. Portanto, hoje, comemoramos juntos a data consagrada à Portugal.

A Assembléia Legislativa do Estado do Paraná não poderia ficar alheia às comemorações, razão pela qual organizou esta Sessão Solene para que fique registrado nos Anais da Casa tão jubilosos acontecimento e a homenagem que o povo do Paraná presta através de seu Legislativo, à comunidade luso-brasileira. São mais de dois milhões de portugueses que hoje residem no Brasil convivendo e participando de uma das mais unidas comunidades, a luso-brasileira. Para os portugueses no Brasil, falta o calor lusitano, daí a importância que a comunidade tem pela sua própria comunicação social através de programas especiais de rádio, televisão e revistas especializadas. E, hoje, nos regozijamos porque a temos a satisfação de contribuir com uma pequena parcela de alegria para que todos eles se sintam em casa; pois a nossa casa também é a casa deles. Comemoramos, também, o aniversário de morte de um dos filhos mais ilustres de Portugal CAMÕES. Homenagear Portugal sem homenagear CAMÕES seria um disparate de nossa parte, e para homenageá-lo uma única estrofe do poema de Manuel Bandeira diz tudo:

GÊNIO PURIFICADO NA DESGRAÇA

TU RESUMISTE EM TI TODA A GRANDEZA

POETA E SOLDADO . . . , EM TI BRILHA SEM JAÇA  
O AMOR DA GRANDE PÁTRIA PORTUGUESA.

É por isso, nesta data festiva, finalizamos lembrando que:

Devemos a grandeza do Brasil-Português, por ter nascido de uma convivência de laços humanos entre os dois povos e que irá permanecer cada vez maior".

Muito obrigado. (Sem revisão do orador).

O SR. PRESIDENTE (Nilso Sguarezi) - Para falar em nome do Partido da Frente Liberal, concedo a palavra ao nobre Deputado Gilberto Rezende de Carvalho.

O SR. GILBERTO CARVALHO - Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembléia Legislativa do Paraná, Senhor Deputado Nilso Sguarezi.

Excelentíssimo Antenor Ribeiro Bonfim, Secretário de Estado para Assuntos Comunitários e do Trabalho, representante de Sua Excelência o Senhor José Richa, Governador do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Desembargador Mário Lopes dos Santos, Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência o Senhor Desembargador Armando Jorge de Oliveira Carneiro, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor

Antônio Correia Cardoso,  
Cônsul da República Portuguesa;

Excelentíssimo Senhor  
Capitão de Fragata Ronald Cardoso Guimarães,  
Capitão dos Portos do Estado do Paraná,  
representante de Sua Excelência o Senhor Vice-Almirante Henrique Octávio Aché Pillar, Comandante do 5.º Distrito Naval;

Excelentíssimo Senhor  
Major Eduardo Machado de Almeida,  
representante de Sua Excelência o Senhor José Flávio Celestino Comandante do CINDACTA II;

Excelentíssimo Senhor  
Mário Celso Puglisi da Cunha,  
representante de Sua Excelência o Senhor Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Senhor  
Vereador Horácio Rodrigues,  
Presidente da Câmara Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Senhor  
Professor Francisco Moraes Silva,  
representante de Sua Excelência o Senhor Alcy Joaquim Ramalho, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná;

Excelentíssimo Senhor  
Leopoldo Scherner,  
Presidente do Centro de Estudos Portugueses da Universidade Católica do Paraná;

Excelentíssimo Senhor  
Deputado Anibal Khury  
1.º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Senhor  
Deputado Odeni Mongruel,  
2.º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Demais Autoridades,  
Senhores Deputados,  
Minhas Senhoras,  
Meus Senhores.

(Lê):

"O Dia de Portugal é uma data altamente significativa não só para os nossos irmãos portugueses. É também para todos os povos do mundo porque a presença portuguesa é universal pelos feitos dos seus navegantes, pelos seus descobrimentos, pela colonização na América, em África, na Índia, na China, e pela valiosa contribuição dos portugueses ao progresso das artes e das ciências. E dentre tantas e tão grandes obras há duas que podem ser consideradas hoje, como já foram no passado, como duas maiores obras de Portugal: o Brasil e os Lusíadas.

O Brasil, potência emergente, que o gênio português soube manter com unidade linguística evitando que se modelasse

em várias formas, adotando nacionalidades diferentes como a holandesa, a francesa, a espanhola e muito provavelmente a inglesa. Este Brasil gigante, que sempre teve consciência do seu tamanho e tem sido governado por um sentimento profético do seu futuro, é obra portuguesa, assim como *Os Lusíadas*, que Camões soube criar como obra-prima da literatura universal.

Ainda que a obra da inspiração individual dos artistas, a literatura é um fenômeno social, pelo idioma de criação coletiva e pelos problemas e inquietações que expressa, pelas reações do autor ante uma coletividade e pelo eco da criação individual sobre consciência nacional. Público e autores, colaboram, e essa colaboração transforma ou amplia através dos tempos o sentido e a influência da obra individual.

É, pois, necessário ligar a história literária à história política e social que lhe serviu de quadro e lhe forneceu a matéria. A literatura portuguesa é, na maior parte de sua história, um reflexo do gosto geral, das correntes de sensibilidade europeias e peninsulares, mas também criou valores próprios ou peculiares sobretudo nas épocas de maior vigor e maior originalidade da sua vida nacional. E Luís de Camões soube fazê-lo com genialidade. Em toda a história de Portugal, não existe outro poeta que se lhe compare, nem há outro que tanto tenha levantado o nome e a fama de sua pátria, servindo-a ao mesmo tempo com a pena do poeta e com a espada do soldado. E, se Camões é o maior poeta de Portugal, é também um dos maiores, igual aos maiores de todo o mundo. E é desse poeta extraordinário que vos quero falar.

Camões teve uma vida atribulada, repleta de dificuldades e decepções, de lutas, de miséria e de pobreza. De tanta pobreza que até por esmola se fez o seu enterro. Apesar disso tudo, Camões soube cantar em seus versos, os feitos portugueses. Antes de partir para a Índia, tivera tempo de conhecer os primeiros livros das obras de João de Barros e de Fernão Lopes de Constanheda sobre os feitos dos portugueses nos mares e terras do Oriente. Conhecendo pessoalmente essas terras e mares longínquos, descobertos, conquistados e evangelizados pelos marinheiros, soldados e missionários de Portugal e que então, embora já anunciando uma próxima decadência, ainda falavam bem alto da glória desse pequeno país descobridor. Peregrinando pela Índia, pelo Mar Vermelho, pela China, pelas estranhas ilhas de Maluco, combatendo e sofrendo privações e dificuldades, Camões vai-se enchendo do desejo de cantar em versos essa extraordinária glória. Assim nascem *Os Lusíadas*, que o poeta já tinha prontos ou quase prontos quando, numa viagem da China para a Índia, uma tempestade fez naufragar o navio em que seguia. O poeta salva-se a custo e, do que lhe pertencia, apenas consegue salvar o manuscrito precioso do seu poema.

Pobre como Job, mais pobre do que quando saíra de Lisboa, o poeta vai agora regressar à sua pátria. Mas o caminho é muito longo. Ainda se detém um ano em Moçambique, por falta de recursos. Chega finalmente a Lisboa em 1569, depois de 16 anos de ausência. Consigo, traz sempre a única riqueza que possui — *Os Lusíadas*, que imediatamente trata de fazer imprimir.

Quando o poema apareceu, todos que o leram conheceram que estava ali um livro que por si só bastaria para tornar imortal o nome do seu autor — e o de sua pátria. Camões, que já não era um desconhecido, tornou-se célebre.

E no entanto, continuou abandonado e pobre. Talvez na miséria, morreu cerca de 1580 o Príncipe dos Poetas Portugueses.

Nesse mesmo ano, Portugal, que ele com tanto amor e engenho cantara nos seus versos, passava a fazer parte dos

extensos domínios do Rei de Espanha.

Estranho destino de um povo e do seu cantor.

José Gonçalo Chorrão de Carvalho, ao escrever sobre os grandes escritores portugueses, relembra que 60 anos depois Portugal alcançaria de novo a liberdade e um rei Português; e o nome de Camões nunca se perdeu nem perderá, enquanto houver um português que ame sua pátria e saiba compreender os versos maravilhosos d'*Os Lusíadas*.

Aliás, não são só eles que fazem a glória de Camões. Muitos e belíssimos poemas ele escreveu, que bastariam para tornar grande o nome de um poeta. Versos de amor, quase todos, em que o poeta canta, com suavidade e beleza extraordinárias, as mulheres — talvez Natércia, talvez Dinamene, que não se sabe ao certo que foram por quem o seu coração ardia em chamas. A uma dessas amadas, que lhe morreu, dedicou Camões um soneto maravilhoso, que não se pode ler sem comoção, tal é a forma porque o poeta consegue exprimir nela a dor, cheia de resignação e esperança, que na sua alma deixou aquela morte:

“Alma minha gentil que te partiste  
tão cedo desta vida descontente,  
repousa lá no céu eternamente,  
e viva eu cá na terra sempre triste”.

Mas, falar de Camões, é ter de falar d'*Os Lusíadas*, poema que celebra os grandes feitos de um povo inteiro, a epopéia magnífica dos portugueses, tendo por tema central a viagem de Vasco da Gama no descobrimento do caminho marítimo para as Índias. Todos os outros grandes acontecimentos da história de Portugal os recordará Camões, a propósito e no decorrer da viagem do Gama.

Pode-se dizer, também, que essa viagem seria um episódio d'*Os Lusíadas*, pois a verdadeira divindade a qual Camões consagra o poema — o herói coletivo que o poeta celebra é

“... o peito ilustre lusitano  
A quem Netuno e Marte obedeceram”

Joaquim Nabuco, em conferência proferida na Universidade de Yale, em maio de 1908, sob o título “O Lugar de Camões na Literatura”, diz que *Os Lusíadas*, a exemplo de todos os poemas nacionais dignos desse nome, constituem um ciclo. Seus fragmentos são as lendas da terra, e cada uma, por sua vez, parece ser a principal. Tão forte era o sentimento nacional de Camões que, ao principiar e ao fechar do poema, já seu pensamento busca outros grandes sucessos dignos de serem cantados. O título comportaria tantos cantos quantos fossem os heróicos feitos portugueses, e o poema poderia mesmo ser continuado por outra pena, se poeta igual a ele se encontrasse.

Esta é a primeira impressão d'*Os Lusíadas*: culto da pátria. A obra foi planejada para ser um monumento nacional, cujas estátuas ou medalhões fossem as figuras da história portuguesa; as batalhas portuguesas, seus vastos afrescos; a viagem à Índia, o friso que a circunda; os mares e terras descobertos, seu pavimento de mosaico. O poema é, a um tempo, santuário e relicário de Portugal. E dos portugueses:

“... aqueles que por obras valorosas  
Se vão da lei da morte libertando”.

Camões fez para Portugal o que nenhum outro poeta fez para a sua pátria. *Os Lusíadas*, são o poema da colonização dos empreendimentos longínquos e são, portanto, o poema da criação do Novo Mundo. Camões achou meio de exprimir a lei da imigração que é o maior acontecimento da História moderna, em um só verso:

"Que toda terra é pátria para o forte".

As novas gerações devemos concitar para que leiam Camões, para que estudem Os Lusíadas. A língua desse poema é tão perfeito, tão simples, que é nossa língua portuguesa. Camões impôs a sua língua a Portugal e Brasil. Vale a pena ir na esteira do Gama "por mares nunca dantes navegados", vencendo dificuldades e riscos, para ao final descobrir maravilhas e belezas sem conta — as maravilhas e belezas d'Os Lusíadas, de Camões, o poema dos irmãos luso-brasileiros. Porque

"Cesse tudo que a Musa antiga canta  
Que outro valor mais alto se levanta".

Camões é Portugal. Camões é assunto de humanismo, de civismo, de patriotismo, glória e honra de nossa língua, de nossa História e de nossas aspirações. Camões — como no dizer de Afrânio Peixoto, é resumo da Saudade e da Esperança lusitanas, que viva eternamente, estudado — ensinado, admirado — comovendo e entusiasmando. Camões, o maior e o melhor de todos os Lusíadas, e de toda a Lusitânia, símbolo imortal de sua terra e de nossa gente.

Ao grande vate a nossa homenagem no dia de hoje. E à sua Pátria, a nossa reverência como símbolo do amor e da liberdade. Salve, Portugal, a nossa Pátria-Mãe".

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE — (Nilso Sguarezi) Temos a satisfação de destacar também a presença da Excelentíssima Senhora Gilda Poli Rocha Loures, Secretária da Educação do Estado do Paraná, e também do Excelentíssimo Senhor Cônsul da República Oriental do Uruguai, Luiz Eduardo Landau Severo.

Para falar em nome do PMDB, concedo a palavra ao nobre Deputado Dirceu Manfrinato.

O SR. DIRCEU MANFRINATO — Excelentíssimo Senhor Deputado Nilso Sguarezi, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Dr. Ribeiro Bonfim, Secretário de Estado para Assuntos Comunitários, representante de Sua Excelência o Sr. José Richa, Governador do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Desembargador Mário Lopes dos Santos, Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência o Desembargador Dr. Armando Jorge de Oliveira Carneiro, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Antônio Correia Cardoso, Cônsul da República Portuguesa;

Excelentíssimo Sr. Capitão de Fragata, Ronald Cardoso Guimarães, Capitão dos Portos do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência o Sr. Vice-Almirante, Henrique Octávio Aché Pillar, Comandante do 5.<sup>o</sup> Distrito Naval;

Excelentíssimo Sr. Major Eduardo Machado de Almeida, representante de Sua Excelência o Sr. Coronel José Flávio Celestino, Comandante do CINDACTA II;

Excelentíssimo Sr. Mário Celso Puglieli da Cunha, representante de Sua Excelência o Sr. Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Sr. Vereador Horácio Rodrigues, Presidente da Câmara Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Sr. Professor Francisco Moraes da Silva, representante de Sua Excelência o Sr. Alcy Joaquim Ramalho, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Leopoldo Scherner, Presidente do Cen-

tro de Estudos Portugueses, da Universidade Católica do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Deputado Anibal Khury, Primeiro Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Deputado Odeni Mongruel, Segundo Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssima Sra. Gilda Poli Rocha Loures, Secretária de Estado da Educação do Paraná;

demais Autoridades, Srs. Deputados, minhas Senhoras; meus Senhores. (Lê):

"As armas e os Barões assinalados  
que da Ocidental praia Lusitana,  
Por mares dantes nunca navegados  
Passaram ainda além da Taprobana,  
E em perigos e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana,  
Entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram".

Com esta conhecida oitava, quis o imortal cantor das glórias de que se ufana Portugal, iniciar a descrição que o colocaria, bem como à sua amada Pátria, em lugar de relevante destaque no cenário mundial.

Nesta data em que, solenemente, se comemora o Dia de Portugal, não podemos deixar de lembrar a morte do Poeta que, com a própria emoção, cantava as doces e claras águas de Mondego.

A mesma afinidade que o imortal Camões demonstrava para o seu torrão natal, sentimos nós, os brasileiros, com relação a este País irmão, berço de civilizações, que há de ser sempre louvado.

Nos idos do Século VIII da Era Cristã, quando os árabes invadiram a Península Ibérica, foi desencadeado um processo de resistência que, cerca de três séculos depois, redundou em uma atitude que pode ser tomada como produtora do embrião que viria a ser Portugal de hoje.

Dom Afonso VI, Rei de Leão, em retribuição aos serviços prestados pelos dois primos e fidalgos franceses, Dom Raimundo e Dom Henrique de Borgonha, além de doar-lhes terras, autorizou o casamento de suas filhas, Dona Urraca e Dona Tareja, com os respectivos fidalgos.

Dom Henrique, Conde de Borgonha, recebeu o condado portugalense, pequeno território situado na Península Ibérica, entre os Rios Douro e Minho, casando-se em 1095, por morte do Conde Dom Henrique, coube, primeiro à sua esposa e posteriormente a seu filho, Dom Afonso Henriques, lutar para fazer do Condado um Estado independente do Reino de Leão e Castela. Houve incessantes combates entre os mouros e leoneses. Em 1139, dá-se a batalha de Ourique, entre muçulmanos e portugueses. Ao comando das tropas, está Dom Afonso Henriques, e antes que a luta começasse, os soldados portugueses o aclamaram Rei de Portugal, ecoando pela primeira vez um brado de nacionalismo lusitano: "Real, real por El-Rei Afonso Henriques de Portugal". Contudo, só em 1143, são reconhecidos a independência do condado portugalense e o título de rei a Dom Afonso Henriques. Estava, assim, definitivamente fundado um novo reino — Portugal, e aparecia no mundo europeu uma nova nação — a portuguesa, pelo Tratado de Samora, inicia-se a Dinastia Borgonha, da qual Dom Afonso Henriques veio a ser o primeiro representante na condição de Rei. Esta dinastia reinou por 242 anos, até ceder lugar à Dinastia de Aviz, da qual Dom João I é iniciador.

Entretanto, caberia a um sucessor seu, Dom Manoel, a

primazia de estabelecer os primeiros laços que atariam a história de duas nações; Portugal e Brasil.

Por força de circunstâncias imperantes à época, Portugal necessitava expandir-se territorialmente e economicamente, tomando posse de terras inexploradas. Cabe aqui ressaltar a coragem intrépida do povo português, que percorria, como cita Camões, "mares dantes nunca navegados", a fim de fundar civilizações que viriam a florescer futuramente, para a glória daquele País.

Talvez não percebessem os portugueses, em remotos tempos, a profundidade de suas atitudes e, certamente por modéstia extrema, não o reconhecem agora, mas há que ser lembrado este fato: foram os precursores de grandes civilizações.

Em seu processo de desenvolvimento é que foi descoberto o Brasil. E aí começa uma caminhada para o futuro que, até certa altura, foi conduzida da forma como conduz uma mãe extremada a seu filho.

Portugal deu ao Brasil diversas formas de apoio, que contribuíram para a formação deste País. Fosse com o esforço de povoá-lo, fosse com o incentivo para o comércio e a agricultura, nós fomos tendo o apoio que redundou na configuração que hoje representamos.

Em que pese a distância física que nos separa da Pátria lusitana, bem como as dificuldades existentes nos tempos antigos, sempre tivemos estreitíssimos laços com Portugal. Podemos citar até o fato de que toda a inteligência brasileira adquiria sua cultura em Portugal; lá nas suas Universidades é que se forjava o que poderia influenciar os campos mais diversos no aspecto sócio-econômico.

Vale aqui voltarmos um pouco à época da independência de Portugal. Ocorre que naquela região, falava-se o dialeto gale-ziano, expressão comum à Galizia e a Portugal. No entanto, à medida que Portugal estendia seus domínios para o Sul, estabelecendo seus limites atuais e absorvendo os falares que aí existiam, iam se processando as diferenciações lingüísticas, entre o falar dos galegos, que permaneceu estacionário, e o falar dos portugueses, que evoluiu a ponto de tornar-se independente. Cindiu-se então, a expressão galego-português, em duas línguas diferentes: o galego, que foi absorvido pela unidade castelhana, e o português, que continuou sua evolução, tornando-se a língua de uma nacionalidade e atingindo a perfeição atual que conhecemos.

A língua portuguesa é o traço de união entre os nossos povos, e o caminho desta união foi indicado por Dom Diniz, o Trovador, quando no longínquo ano de 1290 tornou obrigatório o ensino da língua portuguesa, ao fundar em Coimbra, a primeira Universidade, tornando permanente o elo de ligação.

A partir do século dezesseis, sob a influência dos humanistas do Renascimento, houve um processo de aperfeiçoamento e enriquecimento lingüísticos, voltando-se os escritores à imitação dos modelos latinos, e procurando aproximar a língua portuguesa à língua-mãe. Como a coroar este processo, aparece, em 1572, a obra de Luís de Camões, "Os Lusíadas", marcando a história do nosso idioma com o maior documento literário e lingüístico, já produzido. É ainda no século dezesseis, que se inicia a gramaticalização do idioma, com a publicação, em 1536, da primeira gramática de língua portuguesa, escrita pelo Padre Fernão de Oliveira.

Porém, Camões, foi, inegavelmente, um dos maiores cultores da língua portuguesa e de sua pátria, demonstrando tal fato com a obra que está como o marco da literatura de

Portugal, podendo figurar ao lado da obra de Cícero, Dante Alighieri e outros tantos.

Nasceu Camões, provavelmente, na Capital do Império, em meados do terceiro decênio do século dezesseis, e cedo teria ido para Coimbra, onde começou seus estudos, provavelmente sob a direção dos Crúzios. Foi tão bom discípulo que mereceu do sábio alemão Storck, o nome de "Filho Legítimo do Renascimento".

De Coimbra teria ido para a Corte, em Lisboa, que troca, por volta de 1545, pela vida dura e arriscada do serviço militar na África, onde, lutando, perdeu um olho. Em breve, porém, regressaria à sua pátria, e chega a Lisboa com a deformidade gloriosa que as armas marroquinas lhe haviam imprimido na face.

Apesar do seu convívio entre os nobres, nos salões da Corte, privava também o poeta do convívio com gente que pouca estrutura moral tinha, embora as energias que nele tumultuavam nem sempre se contivessem. Exemplo flagrante disto é a desordem que se envolveu, ao agredir com a espada, a 16 de julho de 1552, a Gonçalo Borges, encarregado dos arreios do Rei, episódio que levou Camões a cumprir pena de prisão no Tronco de Lisboa, até março de 1553.

E quando o poeta resolve ir para a Índia a serviço de El-Rei, pois, pobre, não lhe resta outro remédio; exaltado, tinha melhores lugares onde prodigalizar sua valentia.

No mês de outubro deste ano desembarca em Goa, daí a Malabar, ao Estreito de Meca, ao Mar Vermelho e de volta a Goa. Não tardou, porém, a embarcar para o que ele próprio chamava de desterro, e viajou pelas costas da China, Delto do Mekong, Málaca, Sumatra, Java, Tidor, Bornéu, até as ilhas de Banda, Sonda e Timor, voltando a Goa, para em 1570, entrar novamente em Lisboa, após dezessete anos de auto-exílio.

Pouco lhe faltava para o cumprimento da missão terrena; mas um derradeiro combate era preciso, tinha de executar a grande idéia que lhe emprestava novo sangue; era sua última taefa: a publicação d'Os Lusíadas.

Daí uma pensão de quinze mil réis anuais é-lhe concedida por El-Rei Dom Sebastião, com o que, nunca livre de dificuldades, vai-se mantendo até sua morte, a 10 de julho de 1580.

Esta uma modesta síntese da vida de um homem que teve, no mais profundo âmago d'alma, o ideal de amor à pátria e à sua gente, fato que fica demonstrado inequivocamente em outra oitava d'Os Lusíadas:

"Vereis amor da Pátria, não movido  
De prêmio vil, mas alto e quase eterno;  
Que não é prêmio vil ser conhecido  
Por um pregão do ninho paterno.  
Ouvi: vereis o nome engrandecido  
Daquelas de quem sois senhor supremo,  
E julgareis qual é a mais excelente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente".

Prestamos assim, uma sincera homenagem a uma Nação que se tornou grandiosa por seus feitos, bem como a um Poeta que soube tão bem imortalizá-los".

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE — (Nilso Sguarezi) Tenho a honra de conceder a palavra ao Professor Leopoldo Sherner, Presidente do Centro de Estudos Portugueses da Universidade Católica do Paraná.

O SR. LEOPOLDO SCHERNER — Excelentíssimo Sr. Deputado Nilso Sguarezi, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Dr. Antenor Ribeiro Bonfim, Secretário do Estado para Assuntos Comunitários, representante de Sua Excelência o Sr. José Richa, Governador do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Desembargador Mário Lopes dos Santos, Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência o Desembargador Dr. Armando Jorge de Oliveira Carneiro, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Antônio Correia Cardoso, Digníssimo Cônsul da República Portuguesa;

Excelentíssimo Sr. Capitão de Fragata, Ronald Cardoso Guimarães, Capitão dos Portos do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência o Sr. Vice-Almirante, Henrique Octavio Achê Pillar, Comandante do 5.<sup>o</sup> Distrito Naval;

Excelentíssimo Sr. Major Eduardo Machado de Almeida, representante de Sua Excelência o Sr. Coronel José Flávio Celestino, Comandante do CINDACTA II;

Excelentíssimo Sr. Mário Celso Puglieli da Cunha, representante de Sua Excelência o Sr. Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Sr. Vereador Horácio Rodrigues, Presidente da Câmara Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Sr. Professor Francisco Moraes da Silva, representante de Sua Excelência o Sr. Alcy Joaquim Ramalho, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Deputado Aníbal Khury, 1.<sup>o</sup> Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Deputado Odeni Mongruel, Segundo Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssima Sra. Gilda Poli Rocha Loures, Secretária de Estado da Educação do Paraná;

demais Autoridades, Srs. Deputados; minhas Senhoras; meus Senhores. (Lê):

“Dentro da Semana de Portugal, que teve início no dia 8, com Danças e Cantares de Portugal, com certeza, é este o dia mais alto e o acontecimento mais elevado. Ocorrem eles aqui, nesta Casa de Leis do Estado do Paraná, que acolhe as pessoas que levam os ombros a pesadíssima carga que lhes foi confiada pelo povo, votos de confiança um a um, um a um como é tecido o tecido da célula de todos os seres — também do homem, portanto.

Agradeço, em primeiro lugar, ao Sr. Dr. Antônio Correia Cardoso, DD. Cônsul de Portugal, em Curitiba, com jurisdição diplomática sobre o Estado do Paraná e o Estado de Santa Catarina, a confiança depositada em mim de falar, neste momento, em seu nome e em nome da comunidade portuguesa destes dois Estados.

Agradeço a honra da tarefa e me curvo ao peso da responsabilidade.

Agradeço aos Srs. representantes do povo o abrirem as portas desta Casa, para possibilitar a simbologia do abraço fraterno das duas nações irmãs: O Brasil e Portugal.

Guimarães Rosa, um dos maiores escritores brasileiros,

em seu imenso romance GRANDE SERTÃO: VEREDAS, põe na boca de um dos seus personagens:

“O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando”. (O GRANDE SERTÃO: VEREDAS — 8.<sup>a</sup> edição, Livraria José Olympio Editora, páginas 20 e 21).

O Brasil e Portugal, Portugal e Brasil, este descoberto por aquele ou achado por aquele (descobrir implica a idéia de que algo estava coberto, de que alguém, num gesto de abaixar e levantar o braço, a mão, põe algo às vistas da humanidade e do mundo; achar implica a idéia de procura, talvez ansiosa, com certeza pertinaz — por isso, dizemos o Descobrimento do Brasil e dizemos o Achamento do Brasil, indiferentemente), o Brasil e Portugal, Portugal e Brasil sempre caminharam juntos, um ao lado do outro: desde o momento de encontro de ambos, na manhã de 1500, até os dias de hoje, com a espontaneidade fraterna e com a determinação explícita dos acordos bilaterais. Sempre caminharam juntos, evoluindo, tendo como objetivo único e sincero o bem-estar de todos aqueles que participam de sua vida, individual e coletiva, cooperando com as demais nações.

Pero Vaz de Caminha, o escrivão da frota capitaneada por Pedro Álvares Cabral, documentou a El-Rei Dom Manuel, as impressões, primeiras, profundas e definitivas, que causaram os nossos indígenas aos primeiros europeus — os portugueses — que viam, e as impressões, primeiras, profundas e definitivas, que causaram os portugueses aos nossos indígenas: raízes do para sempre. E o ânimo pacífico e a disponibilidade no sentido da colaboração e da comunhão.

Não muito mais tarde (em termos de história, tudo é tão rápido), quando mal se podia vislumbrar a importância do Brasil, se confrontado com a Índia — Camões, nOs Lusíadas, cuja primeira edição data de 1572, se lembra três vezes do Brasil, o que é muito:

#### PRIMEIRA:

Mas entanto que cegos e sedentos  
Andais de vosso sangue, ó gente insana,  
Não faltaram cristãos atrevimentos  
Nesta pequena casa lusitana.  
De África tem marítimos assentos;  
E na Ásia mais que todas soberana;  
Na quarte parte nova os campos ara,  
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

(canto VII, 14)

A QUARTA PARTE NOVA é o Brasil, que as outras três eram Europa, Ásia e África. Note-se a vocação agrícola do Brasil, anunciada, tão cedo, por Luís de Camões:

Na quarta parte nova os campos ARA.

#### SEGUNDA:

Das mãos do teu Estêvão vem tomar  
As rédeas um, que já será ilustrado  
NO BRASIL, com vencer e castigar  
O pirata francês, ao mar usado.

(X, 63)

Este UM do Poeta é Martin Afonso de Souza, o primeiro desbravador e colonizador do Brasil.



TERCEIRA:

Mas cá onde mais se alarga, ali tereis  
Parte também, co pau vermelho nota;  
"De Santa Cruz" o nome lhe poreis;  
Descobri-la-á a primeira frota vossa.  
(X, 140)

Observe-se que Camões prefere **DESCOBRIR**, que expressa o ato de abaixar e levantar o braço e a mão.

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Será que nos será lícito ver na trindade de referência de Camões apenas casualidade? Ou não será que cabe ver na intencionalidade, intuição, subsciente do Poeta a lídima expressão de uma realidade contemporânea e futura, sólida, alta e profunda e douradura?

O horizonte do mundo, que é de lá e é de cá: um horizonte que, visto por quem vê e por quem é, por quem é e por quem vê. E, sendo assim, continua verdade atual o que se lê na estância VIII do Canto I d'Os Lusíadas:

Vós, poderoso Rei, cujo alto império  
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,  
Vê-o também no meio do Hemisfério,  
E quando desce o deixa derradeiro.

(O poderoso Rei é D. Sebastião, então com apenas 18 anos de idade, desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578).

Estas duas nações, irmãs, têm, ambas, a destinação de não envelhecer: têm, sim, a destinação de se refazer, de se renovar, sim, a destinação de quem sabe e quer e pode voltar a ser novo, sabe e quer e pode voltar a se refazer, a ser: principalmente no alto orgulho do trabalho. E Portugal principalmente, quando manda a sua juventude para todos os países da Europa, a trabalhar nos diversos países da Europa, onde, por esta razão, são sempre bem acolhidos.

E o mesmo acontece e aconteceu com as Américas e a África e a Ásia. Com o Brasil, uma situação peculiar, peculiar de fraternidade: emigrar para o Brasil jamais foi emigrar para fora da pátria, foi o mesmo que mudar de residência, de local de trabalho, talvez de clima, jamais de costumes, de língua, de pensar, aqui, sempre encontraram, e por sua parte, plenos, sempre, de fé e esperança, desenvolveram, muita e muita esperança, muita esperança, traduzida no verde da bandeira do Brasil e de Portugal, que se transforma em presente, a toda hora.

Minhas senhoras e meus senhores.

As crises são uma recorrência na história: desde que o homem é homem, desde que o homem se organizou em sociedade, nações e países.

O Brasil pois, teve as suas situações críticas, recentemente ainda, e as tem, da mesma forma que Portugal. Mas, como todos sabemos, as crises evoluem para a maturidade, e no nosso caso — o Brasil e Portugal — na contraposição e na passagem da opacidade de ontem para a transparência de hoje, com a voz livre e livre o raciocínio criativo, a apontar e conduzir para o desenvolvimento de toda ordem: agrícola, industrial, tecnológico, político, econômico, social, cultural, artístico. Este, o caminho que caminhamos, e o progresso que progredimos.

Um vento novo sopra sobre nós, uma energia nova e renovada nos impulsiona e uma vontade nova nos faz aceitar o vento novo e a desenvolver a energia nova. Tudo, com ânimo pacífico, que é este, também, próprio do nosso caráter. E sem

limites entre os dois países, nem a nível territorial e jurídico nem a nível prático: as águas do oceano não nos separam, nos unem, os direitos são os mesmos tanto do lado de cá como do lado de lá do oceano que, nestas alturas, já se tornou tão pequeno.

Minhas senhoras e meus senhores.

Há exatamente 405 anos, exatamente no dia 10 de junho, falecia, em Lisboa, Luís de Camões, o autor d'Os Lusíadas, o que dá ao dia de hoje peculiar importância e valor dentro da Semana de Portugal: Camões, com seu imenso trabalho literário, fixou a Língua Portuguesa, deixou-a a mesma que, neste momento, falamos, com o mesmo vocabulário e a mesma gramática. A minha homenagem, neste dia, a Luís de Camões, que nos transmitiu a nós brasileiros e portugueses o melhor e maior instrumento de união: a língua em que traduzimos os nossos pensamentos, e que, muitas vezes, é a única a poder traduzí-los em suas sutilezas, nossas e humanas.

Excelentíssimo Sr. Governador do Estado, Excelentíssimo Sr. Presidente do Tribunal de Justiça, Excelentíssimo Sr. Presidente da Assembléia Legislativa, Excelentíssimo Sr. Cônsul de Portugal, em Curitiba, Srs. Deputados, demais autoridades, minhas Senhoras e meus Senhores, minha homenagem pelo dia de hoje, quando, mais do que nunca, tomou-se evidente e patente a identidade de duas pátrias que, em seu ver, pelas suas origens e suas raízes, são uma só".

O SR. PRESIDENTE — (Nilso Sguarezi) Esta Presidência sente-se honra em conceder a palavra ao Cônsul de Portugal, Dr. Antônio Correia Cardoso, que falará em nome do povo português.

O SR. ANTÔNIO CORREIA CARDOSO — Excelentíssimo Sr. Deputado Nilso Sguarezi, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Antenor Ribeiro Bonfim, Secretário de Estado para Assuntos Comunitários, representante de Sua Excelência o Sr. José Richa, Governador do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Desembargador Mário Lopes dos Santos, Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência o Desembargador Dr. Armando Jorge de Oliveira Carneiro, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Capitão de Fragata, Ronald Cardoso Guimarães, Capitão dos Portos do Estado do Paraná, representante de Sua Excelência o Sr. Vice-Almirante, Henrique Octavio Aché Pillar, Comandante do 5.º Distrito Naval;

Excelentíssimo Sr. Major Eduardo Machado de Almeida, representante de Sua Excelência o Sr. Coronel José Flávio Celestino, Comandante do CINDACTA II;

Excelentíssimo Sr. Mário Celso Puglieli da Cunha, representante de Sua Excelência o Sr. Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Sr. Vereador Horácio Rodrigues, Presidente da Câmara Municipal de Curitiba;

Excelentíssimo Sr. Professor Francisco Moraes da Silva, representante de Sua Excelência o Sr. Alcy Joaquim Ramalho, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Leopoldo Scherner, Presidente do Centro de Estudos Portugueses da Universidade Católica do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Deputado Anibal Khury, Primeiro Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssimo Sr. Deputado Odeni Mongruel, Segundo



Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná;

Excelentíssima Sra. Gilda Poli Rocha Loures, Secretária de Estado da Educação do Paraná;

demais Autoridades, Srs. Deputados; minhas Senhoras; meus Senhores. (Lê):

“Ao celebrar-se nesta Casa o Dia de Portugal, estão Vossas Excelências, com a Vossa presença, homenageando um país e uma comunidade, que transmitiram ao Brasil um acervo de valores, uma herança multifacetada, mas que ao Brasil também muito devem.

Não é impunemente que se vivem trezentos anos de vida em comum, nem foi em vão que desde 1822 este País-Continente tenha acolhido milhões de outros portugueses que, juntamente com notáveis contributos de outras etnias, acabassem por forjar, num mesmo cadinho, o homem brasileiro, homem honesto, trabalhador, cordato e digno.

Para além daquela herança, fundamentalmente, traduzida numa unidade de idioma e na existência de uma área cultural unitária, sobressai como particularmente significativa, uma comunidade de sentimento e de afeto, que flui como expressão humana corrente entre os dois Povos. Não há um português que consiga pensar no Brasil sem emoção, pois a noção do Brasil está tão arraigada no ser nacional português, que dificilmente dela nos separamos.

O fluxo migratório para o Brasil foi tão cotinuado e rico durante tantos séculos, que era impossível a alma portuguesa deixar de sentir um enorme afeto e um elo de amizade imperecível a ligá-la ao Brasil. O saudoso Presidente Tancredo Neves deu expressão singular a esse sentimento ao escrever um dia:

“Sempre que vou a Portugal tenho a impressão de estar visitando um pedaço do Brasil encravado na Europa”.

Senhor Presidente. Atendendo a proposição do Excelentíssimo Deputado Dirceu Manfrinato, dignou-se Vossa Excelência, bem como os ilustres Deputados que integram a Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, conceder ao meu país, no seu Dia Maior, a honrosa distinção de uma Sessão Especial.

Servindo-me de palavras já antes proferidas, a herança cultural e a amizade que une as nossas Pátrias, seria, só por si, justificação para este solene evento.

O Dia de Portugal significa reforço dos laços que ligam os portugueses emigrados à Mãe-Pátria, estreitamento das relações entre eles próprios, integração nos países de acolhimento.

A vivência de todos os instantes dos nossos compatriotas com seus irmãos brasileiros, as suas tradicionais qualidades de trabalho, de seriedade e de honestidade, tornem aqui, palavra quase vã, a noção de “integração”, dado que ela já existe, sempre existiu e transcende os próprios instrumentos que pretendem plasmá-la juridicamente.

Por isso é que, tendo presente esta realidade, pediria licença para dirigir uma saudação à colônia portuguesa e luso-brasileira, aos seus órgãos representativos e em particular, ao seu decano, Senhor Manuel Fernandes Maia, radicado em Curitiba desde 1916, e a quem apresento a nossa sentida gratidão pessoal, pelo exemplo que aqui representa das virtudes herdadas dos seus maiores.

Senhor Presidente. A nossa emoção é grande, e o momento ficará para sempre gravado nas nossas almas.

Pelo que esta sessão para nós significa, peço a Vossa Excelência se digne aceitar em nome do Governo Português, a expressão do nosso mais sincero e profundo agradecimento, que tomo extensivo ao Excelentíssimo Deputado autor da proposta, bem como aos restantes Senhores Deputados e brilhantes oradores.

À Câmara Municipal de Curitiba, na pessoa do seu Presidente, que com amizade se associou a esta homenagem, o melhor da nossa gratidão”.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE — (Nilso Sguarezi) Esta Presidência quer, em nome do Poder Legislativo, agradecer a presença das altas autoridades, especialmente da Colônia Portuguesa, e de mais pessoas que tanto abrilhantaram esta solenidade, que teve a iniciativa por uma proposta do Deputado Dirceu Manfrinato, e foi unanimemente apoiada pelos Srs. Deputados.

Solicito da mesma comissão anteriormente designada, que ao término da sessão, acompanhem os Srs. Antenor Bonfim, Secretário de Estado para Assuntos Comunitários, o representante de Sua Excelência o Sr. Governador do Estado, o Sr. Desembargador Mário Lopes dos Santos, Vice-Presidente do Tribunal de Justiça e do Dr. Antônio Correia Cardoso, DD, Cônsul Geral da República Portuguesa, durante suas permanências no Palácio 19 de Dezembro.

Convido os presentes a ouvirem o Hino Nacional Português, após o que, estará encerrada a sessão.

(É executado o Hino Português)

Levanta-se a Sessão.